



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

SAVIO AUGUSTO ARAÚJO DE SOUZA

**UM OLHAR SEMIÓTICO SOBRE UMA PERFORMANCE DA QUADRILHA
JUNINA ESTRELA DO NORTE**

MACAPÁ

2024

SAVIO AUGUSTO ARAÚJO DE SOUZA

**UM OLHAR SEMIÓTICO SOBRE UMA PERFORMANCE DA QUADRILHA
JUNINA ESTRELA DO NORTE**

Artigo apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Amapá, como parte das
exigências para obtenção de título de Bacharel em
Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Wagner dos Santos Costa

MACAPÁ

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Aline Farias Bandeira Couto – CRB-2 0017/O

S719o Souza, Savio Augusto Araújo de
Um olhar semiótico sobre uma performance de quadrilha junina Estrela do Norte[recurso eletrônico] / Savio Augusto Araújo de Souza - Macapá, 2024.
24 f.

Orientador: Rafael Wagner dos Santos Costa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá – UNIFAP,
Departamento de Letras e Artes, Curso de Jornalismo. 2024.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Jornalismo cultural. 2. Identidade Cultural. 3. Quadrilha Junina. I. Rafael Wagner dos Santos Costa, orientador. II. Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. III. Título.

CDD 23. ed. – 070.4449

FOLHA DE APROVAÇÃO

O artigo apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Data de aprovação ____/____/____

Banca examinadora

Dr. Rafael Wagner dos Santos Costa

Universidade Federal do Amapá

Orientador

Nome

Universidade

Avaliador

Nome

Universidade

Avaliador

DEDICATÓRIA

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente,
contribuíram para a construção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Aos caminhos que a vida traça e ao universo que nos guia.

Hoje, ao olhar para trás e refletir sobre os últimos cinco anos da minha vida na universidade, sinto-me compelido a fazer um agradecimento muito especial, a alguém que esteve presente a cada passo desse desafiante trajeto: a mim mesmo. Ao longo dessa jornada, enfrentei desafios, obstáculos, momentos de dúvida e cansaço. Foram noites sem dormir, prazos apertados, e inúmeras provas e trabalhos. Houve momentos em que a pressão parecia insuportável, quando a tentação de desistir bateu à minha porta, mas eu, com determinação, continuei.

A minha capacidade de perseverar e superar as adversidades ao longo desses cinco anos é algo que, hoje, quero celebrar e agradecer a mim mesmo. Eu me dediquei, estudei incansavelmente, busquei conhecimento, cresci e evolui como pessoa. Acreditei no meu potencial quando outros duvidaram, dei o meu melhor quando as circunstâncias pareciam desafiadoras demais.

A jornada no curso de Jornalismo não apenas aprimorou minha capacidade de comunicação, mas também me ensinou a importância da resiliência, da determinação e da autoconfiança. Olhar para trás e reconhecer a jornada que percorri me faz sentir um profundo orgulho de mim mesmo. Portanto, agradeço a esse eu que perseverou, que manteve o foco mesmo quando a estrada era árdua, que acreditou no seu sonho de se tornar um jornalista. Esta jornada foi uma conquista e a dedicação que coloquei nela é algo que sempre vou carregar comigo.

Que esta experiência de autoconhecimento e gratidão possa servir como um lembrete a todos nós de que somos capazes de alcançar nossos objetivos quando acreditamos em nós mesmos. Obrigado, a mim mesmo, por não desistir, por continuar acreditando e lutando por esse sonho que agora se tornou realidade. E obrigado a todos vocês que estiveram ao meu lado, apoiando-me ao longo deste caminho.

À minha querida irmã Sândala Ravena e à minha adorável sobrinha Ana Graça, esta dedicatória é uma expressão profunda de gratidão e amor. Vocês são as minhas âncoras, as minhas fontes de força ao longo desta jornada no curso de Jornalismo. Nos momentos desafiadores, quando a dúvida surgia, o amor e apoio que vocês me ofereceram foram as razões pelas quais continuei perseverando. Sândala, sua sabedoria e encorajamento sempre me

guiaram nos momentos de incerteza. Sua fé em mim foi um farol em noites escuras e sua presença constante foi um lembrete de que não estou sozinho nesta jornada. Ana Graça, sua alegria e presença enchem meu coração de motivação todos os dias. Ver o brilho em seus olhos é um lembrete constante do impacto positivo que minha busca pelo conhecimento tem em nossa família. Vocês são o motivo pelo qual persisti, o incentivo para nunca desistir. Esta dedicação é uma pequena maneira de expressar minha profunda gratidão por tudo o que representam em minha vida.

Aos meus estimados professores Elisangela Andrade, Allan Milhomem, Laisa Mangas, Lylian Rodrigues e Ivan Carlo Andrade de Oliveira, esta dedicatória é uma expressão sincera de gratidão. Os conhecimentos, orientações e inspirações que vocês compartilharam ao longo do curso de Jornalismo foram fundamentais para minha jornada acadêmica e pessoal.

Elisangela, sua paixão pelo jornalismo me motivou a buscar a excelência. Allan, sua expertise e orientações moldaram minha compreensão da profissão. Laisa, sua abordagem prática e experiência de campo foram inestimáveis. Lylian, sua dedicação à ética jornalística é um farol em meu caminho. Ivan Carlo, sua visão crítica ampliou meus horizontes. Agradeço por serem mentores, orientadores e, acima de tudo, inspirações. Cada um de vocês teve um papel significativo em minha formação e estou profundamente grato por sua dedicação à educação.

Ao meu estimado orientador, Rafael Wagner dos Santos Costa, esta dedicatória é uma singela homenagem à sua excepcional dedicação e paciência ao longo do processo de elaboração deste trabalho. Sua orientação foi fundamental para transformar minhas ideias em um projeto concreto e para me guiar pelos desafios que encontramos ao longo do caminho. Você não apenas compartilhou seu vasto conhecimento e experiência, mas também demonstrou uma paciência incansável ao responder às minhas perguntas, debater minhas ideias e oferecer *insights* valiosos. Sua orientação foi uma bússola confiável que me ajudou a navegar pelas complexidades deste trabalho.

À cultura do Amapá, que enriqueceu minha vida com sua diversidade e riqueza. Cada dança, cada história, cada tradição me lembraram da importância de valorizar nossas raízes e nossa identidade cultural. Este trabalho é uma celebração de todas essas influências e apoios. Dedico este TCC a todos vocês, com profunda gratidão por terem sido parte fundamental deste incrível capítulo da minha vida. ENFIM ACABOU!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura filosófica de Charles S. Peirce	12
Figura 2 – As três tricotomias destacadas por Peirce	16
Figura 3- Exemplo do fonograma Bit representa a palavra Mel	16
Figura 4 – A representação dos Noivos, <i>Miss</i> , <i>Mister</i> e convidados.....	19
Figura 5 – Dançarinos	20
Figura 6 – Quadrilheiro Junino (Marcador).....	21
Figura 7 – Brincadeira junina.....	21

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a indumentária utilizada pela Quadrilha Junina Estrela do Norte em uma apresentação no ano de 2023, considerando tal indumentária como signos a serem vistos sob a ótica da teoria semiótica do estadunidense Charles Sanders Peirce. Ressalta-se que o teórico não dedica suas pesquisas para os signos aplicados em movimentos culturais, contudo, partindo de suas definições, esta pesquisa busca, de forma qualitativa e focada na indumentária da apresentação do ano supracitado, compreender como tais signos comunicam significados, valores e tradições, desempenhando um papel fundamental na construção, manutenção e reafirmação das identidades culturais dessas comunidades. Para isso, optamos por realizar ensaios teóricos em que analisamos imagens da Quadrilha Junina. Por fim, problematizamos ainda o Jornalismo Cultural e o seu papel de manutenção e divulgação de pequenos e grandes artistas, movimentos artísticos e identidades culturais.

Palavras-chave: Semiótica. Charles Sanders Peirce. Quadrilhas Juninas. Identidade Cultural.

1. INTRODUÇÃO

O que diferencia os seres humanos dos demais seres existentes no mundo? Se seguimos as reflexões apresentadas pelo documentário Ilha das Flores (1989), um clássico das aulas de Sociologia, “os seres humanos são animais mamíferos, bípedes com telencéfalo altamente desenvolvido e o polegar opositor”, e por tais motivos, somos diferentes dos demais, contudo, será apenas tais elementos nos distinguem?

Apesar de ser possível observar em outros seres, a comunicação é um elemento intrínseco aos seres humanos que se diferencia dos outros pela diversidade que tal comunicação pode ser expressa. Mesmo vivenciando a grande Torre de Babel das línguas, o ser humano é capaz de expressar tal língua de muitas formas, isto é, com diferentes linguagens como, pela própria fala, pela escrita, por pinturas, pela música, que impactam o seu estar no mundo, possibilitando a consciência como indivíduos sociais, capazes de criar, reproduzir, transformar e consumir elementos de comunicação social, que outrora, serão tidos como práticas significantes de produção de fenômenos culturais (Eco, 1976; Santaella, 2005).

Portanto, quando dizemos linguagem, queremos nos referir a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada, mas absorve também, inclusive, a linguagem dos surdos-mudos¹, o sistema codificado da moda, da culinária e tantos outros. Enfim, todos os sistemas de produção de sentido aos quais o desenvolvimento dos meios de reprodução de linguagem propiciam hoje uma enorme difusão (Santaella, 2005, pp. 11-12).

¹ Destaca-se que a terminologia adotada pela autora reflete aos termos aplicados em sua época.

Pode-se ter como exemplo de fenômeno cultural, a Quadrilha Junina Estrela do Norte, com sede no coração da região amapaense que, em meio à exuberante diversidade cultural, brilha intensamente como uma estrela que guia os amantes da cultura durante as festas juninas do estado do Amapá. Inspirada pelas tradicionais quadrilhas juninas nordestinas, a Estrela do Norte traz consigo um toque único, incorporando elementos da região e enriquecendo a celebração festiva de forma singular, levando consigo diversas premiações: 3ª melhor Quadrilha do Brasil (2023), Melhor Rainha do Brasil (2023), Hexacampeã Estadual, Tricampeã Municipal e Eneacampeã de Pré-Forrozo do Primo Sebastião.

A Quadrilha Junina Estrela do Norte teve origens modestas no bairro do Laguinho em Macapá, no final do ano de 2002 no fundo do quintal de uma brincante, fundada por entusiastas da cultura local, cujo nome veio de um sonho. A Quadrilha rapidamente se destacou pela sua dedicação em preservar e promover as tradições juninas do Amapá, contudo, os primeiros anos foram marcados por desafios financeiros, mas a paixão pelo folclore local e a vontade de expressar a cultura amapaense a impulsionaram. Com trajes coloridos e coreografias motivantes, a Estrela do Norte tornou-se uma parte essencial das festas juninas da região.

De acordo com Lúcia Santaella “As linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem” (2005, p. 13) e partindo dessa afirmação surge um novo questionamento: é possível compreender essas linguagens frutos das comunicações sociais? Se sim, como fazer?

Uma das possibilidades é o uso da Semiótica como instrumento de compreensão divisão e análise dos signos utilizados nestas linguagens, sendo aplicado em duas áreas distintas: a primeira na área da saúde para análise de sintomas e respostas físicas para a construção e fechamento de diagnósticos, como pode ser visto nos textos de Galen de Pergamo (139-199) ao utilizar o termo *semeiosis*. A segunda, na área da Filosofia como um instrumento sistemático e organizado de compreensão dos elementos representativos de comunicação e expressão de ideias (Nöth, 1990).

De forma estruturada, a criação da Semiótica, na Filosofia, é dada por três patronos que trabalharam de forma separada e que, documentalmente, não há provas da relação entre eles durante a fundamentação de suas teorias, sendo eles, Charles Sanders Peirce nos Estados Unidos da América, A. N. Viesse-lovski e A.A. Potiebníá na antiga União Soviética e Ferdinand de Saussure na Suíça, contudo, os três autores partilham, cada qual com sua especificidade, a fundamentação da semiótica considerando a relação entre objetos, signos e Interpretantes (Eco, 1976; Santaella, 2005).

Apesar de um “nascimento” com os três autores, é possível encontrar traços de teorias semióticas em todo decorrer da história, ou pelo menos nas teorias partilhadas pelo eurocentrismo, na Antiguidade há traços de uma atenção para relação entre as ideias e suas expressões em escritos de Platão (427-347 a.C), Aristóteles (384-322 a.c), dos Estoicos (apresentando uma relação triádica, significante material, o significado e o objeto externo) e epicuristas. Já na Idade Média, principalmente no período da escolástica, há os debates sobre o nominalismo e realismo, a doutrina das suposições, os modos de significação e o problema dos conceitos universais (Nöth, 1990).

Na Renascença, destacam-se os trabalhos de René Descartes (1596-1650) e Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) e a tentativa de desenvolver uma “língua universal” tomando com referência a expressão de ideias por meio de símbolos matemáticos. Além deles, é válido lembrar as reflexões de Francis Bacon (1561-1626) sobre a construção das palavras como fruto das noções da população, Thomas Hobbes (1588-1679) e a ênfase no conceito de antecedente e conseqüente e, já no período compreendido como Romantismo, as contribuições de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), ao compreender os signos como expressão da inteligência dos sujeitos sobre a sua percepção da natureza (Nöth, 1990).

Sendo assim, é possível tomar a semiótica como uma ferramenta capaz de compreender os signos expressões nas comunicações e manifestações sociais e sua relação intrínseca entre o objeto, o signo e seu Interpretante, contudo, o que fazer após esta análise? Como apresentar o como e o porquê dá-se a utilização desses signos?

A formação acadêmica de um jornalista perpassa por diferentes formas de ver, interpretar e apresentar o mundo para o mundo, como pode ser visto analisar a matriz curricular do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), sendo composta pela base reflexiva e crítica das humanidades, as grandes teorias da comunicação e do jornalismo e as ramificações em que um futuro jornalista pode atuar.

Dentre essas ramificações, há o jornalismo cultural que, segundo Rose (2015), é um ramo do jornalismo em que ocorre uma complexa e heterogênia relação dentre variados gêneros, elementos, produções artísticas e culturais propostas pela sociedade, cabendo a ele a apresentação e divulgação de tais produções pelos canais midiáticos da imprensa física, digital e audiovisual, realizando uma cobertura sincera, contextualizada, atrativa e que possibilite ao leitor uma percepção não apenas do evento, mas dos processos culturais e identitários que o culminaram.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Para além de uma notícia: o jornalismo cultural

Apesar de uma data de origem incerta, tem-se que o jornalismo cultural surge, como destaca Piza (2013) com a criação e publicação da revista *Spectator* no ano de 1711 sendo fundada Richard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719) possibilitando a divulgação e debates sobre as produções culturais, bem como impactou os movimentos artísticos e jornalístico que vieram posteriormente, atravessando o Atlântico para os Estados Unidos e Brasil, possibilitando contribuições como de Edgar Allan Poe (1809-1849), Henry Louis Mencken (1880-1956) e Edmund Wilson (1895-1972).

No Brasil, entretanto, o jornalismo cultural ganharia mais destaque no final do século XIX, apresentando ao Brasil, e posteriormente ao mundo, um grande crítico teatral e escritor de vários títulos reconhecidos como clássicos da literatura brasileira, o Machado de Assis (1839-1908). Além dele, deve-se destacar também as mais variadas críticas escritas, editor da terceira fase Revista Brasileira e idealizador e participante de todas as reuniões de organização da Academia Brasileira de Letras, José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916) mais conhecido como José Veríssimo.

Outro grande momento do jornalismo cultural no Brasil foi a criação do Caderno B na década de 1960 sendo precursor do jornalismo moderno brasileiro sob a edição de Reynaldo Jardim, teve em suas edições crônicas de Clarice Lispector, textos de Ferreira Gullar, Mario Faustino, Haroldo de Campos entre outros. O jornal Diário Carioca, por sua vez, possibilitou o início de carreira de Paulo Francis (1930-1997) que durante sete anos redigiu suas críticas culturais e que, posteriormente, amplia sua área de atuação para o jornalismo político em consonância com o cultural, refletindo sobre literatura, humor, moda e comportamento (Barreto, 2006; Piza, 2013).

Ainda tendo espaço na “grande imprensa”, o jornalismo cultural enfrenta uma diminuição frente aos novos fenômenos, imediatismos e produções para o consumo das grandes massas:

No momento atual, o jornalismo cultural não tem conseguido realizar essa função com clareza e eficácia, por variados motivos [...] o primeiro e principal deles tem a ver com esse mesmo debate sobre os critérios para avaliar uma produção cultural que é cada vez mais numerosa e diversificada e economicamente relevante. Trata-se das polarizações grosseiras a que ele tem sido submetido. [...] Recuperar um pouco ao menos de sua capacidade seletiva, de seu poder de influência, implica antes de mais nada escapar a oposições como as mostradas a seguir, todas estreitamente ligadas entre si (Piza, 2013, p. 53).

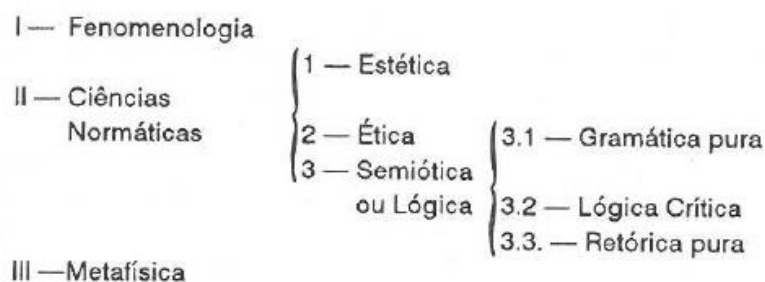
O jornalismo cultural, deve possibilitar a divulgação da cultura de um povo, bem como sua preservação, indo ao encontro com as diretrizes da Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (Unesco) (2009) que considera o constante fluxo migratório devido a globalização e a necessidade da preservação das identidades culturais e desenvolver estratégias para a produção de conteúdos inovadores desta temática, a ampliação do acesso a estes conteúdos e uma representação equilibrada. Sendo assim, é necessário um olhar crítico sobre tais divulgações, não as utilizando meramente se forma sazonal em busca de lucros e compreendo-as de forma completa, evitando sua deturpação, artificialidade, criação/reforço de estereótipos vinculados a tais representações culturais e tornando-as meramente como espetáculos de entretenimento (Cerigatto, 2015).

2.2. A semiótica para Charles Sanders Peirce: um conceito

Classificar as contribuições de Charles Sanders Peirce (1839-1914) em apenas uma área é um trabalho impossível já que, como apresentado por Santaella (2005), ele era acima de tudo, um cientista, contribuindo nas áreas de Química, Física, Astronomia, Matemática, Filosofia e Lógica, sendo esta última necessária para compreender a estrutura das ciências e base para a construção de sua Semiótica como uma Filosofia científica da linguagem que dialoga com a tradição filosófica e a inovação da percepção dos diversos signos do mundo (Santaella, 2005, p. 21).

A teoria filosófica, apresentada sempre em forma triádica, desenvolvida por Peirce pode ser descrita como a relação entre Fenomenologia, Ciências Normáticas e Metafísica, ocorrendo nas Ciências Normáticas a divisão entre Estética, Ética e Semiótica que também se divide em Gramática Pura, Lógica Crítica e Retórica Pura. A organização dessa estrutura pode ser representada pelo esquema a seguir (Figura 1):

Figura 1 – Estrutura filosófica de Charles S. Peirce



Fonte: Santaella, 2005, p. 27.

De forma sucinta, entende-se que a Fenomenologia é responsável por observar os fenômenos, analisá-los e postular as formas universais (ou categorias) desses fenômenos. As ciências normáticas, por sua vez, possuem o papel de distinguir os fenômenos, seja por ser admirável (Estética), pela conduta (Ética) ou pelos signos e pensamentos (Semiótica). Por fim, cabe a Metafísica compreender a realidade das coisas, sendo tal segmento resultante dos anteriores (CP 5.36; 1.280; 5.121).

Para compreender como a Semiótica peirceana foi construída, se faz necessário entender primeiramente, os fenômenos que se apresentam aos sujeitos. Segundo Peirce (C.P. 2.428), os fenômenos, isto é, aquilo que está presente na mente, se apresentam abertamente para os sujeitos, possibilitando dessa forma, a sua observação, distinção e generalização e, dentro da fenomenologia desenvolvida por ele, produzindo na consciência três categorias, Primeiridade, Secundidade e Terceiridade (Deledalle, 1990).

A Primeiridade é tudo que está no tempo presente, a qualidade de ser e sentir, isto é, o agora imediato, a Secundidade, por sua vez, não é apenas a qualidade, mas sim a existência material da qualidade da Primeiridade, a Terceiridade, por fim, é a relação entre a Primeiridade e Secundidade de forma sintética (CP 8.328). Para possibilitar uma melhor compreensão, observa-se o exemplo apresentado por Santaella (2005, p. 51): “Por exemplo: o azul, simples e positivo azul, é um primeiro. O céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde se encarna o azul, é o segundo. A síntese intelectual, elaboração cognitiva – o azul no céu, ou o azul do céu -, é um terceiro”.

Em posse dos conceitos da fenomenologia de Peirce, é possível compreender o papel da Semiótica como uma forma de configurar conceitos abstratos, como as categorias supracitadas, para uma formalidade singular que fosse compreensível para as demais ciências cuja base teórica seja a percepção empírica.

2.3. Objeto, Signo e Interpretante: a relação triádica da semiótica peirciana

Peirce fundamenta sua Semiótica em uma base triádica, de forma semelhante à sua Fenomenologia, entre o Objeto pré-existente e autônomo, o Signo (*representamen*) o mesmo objeto significado e o Interpretante sendo o meio pelo qual o objeto recebe significado (Petrilli, 2005; Chandler, 2007).

Um signo, ou *representamen*, é algo que representa para alguém algo em algum aspecto ou capacidade. Dirige-se a alguém, ou seja, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Esse signo que ele cria eu chamo de *Interpretante* do primeiro signo. O sinal representa algo, seu *objeto*.

Representa esse objeto, não em todos os aspectos, mas em referência a uma espécie de ideia, que algumas vezes chamei de fundamento do representamen (CP 2.228).²

É de vital importância destacar que a relação triádica entre signos, objetos e interpretantes, possui uma natureza nos signos, ou seja, todos são signos, se diferenciando à medida que assumem seus papéis lógicos dentro da teoria semiótica, pois como termos técnicos bem definidos, possibilitam, de forma sistemática, um aparato formal para diversas análises e aplicações possíveis, não apenas em âmbito material, mas também abstrato (Santaella, 1992).

Ao que se refere ao signo, primeiramente, é necessário compreender que o signo possui uma função mediadora entre o objeto e o Interpretante, contudo deve-se destacar que: o signo nunca é completamente adequado ao objeto e dessa forma nunca poderia ser confundido com este objeto por estar ligado em apenas algum aspecto do objeto e não em sua totalidade, além disso objeto e Interpretante não precisam existir em materialidade física, pois um objeto pode ser uma ocorrência ou possuir uma natureza de ideia, enquanto o Interpretante, pode ser um ser que venha a existir (CP. 2.92).

Outro aspecto importante é que o signo, em caráter significante genuíno, possui um aspecto gerador, isto é, o signo gera um Interpretante que, posteriormente, vai gerar outro Interpretante e assim *ad infinitum* e, por esse motivo, entende-se que a natureza do signo só é possível dentro de uma relação triádica, não existindo unicamente como uma qualidade, como visto na Primeiridade da fenomenologia peirceana, como destaca Santaella (1992, p. 39): “o signo determina o Interpretante, mas ele o determina como uma determinação do objeto. O Interpretante, como tal, é determinado pelo objeto somente na medida em que o Interpretante, ele próprio, é determinado pelo signo”.

Peirce realiza uma tipologia muito rica sobre os signos, que impactam diretamente sua relação com os objetos e Interpretantes. Tal tipologia será apresentada e detalhada na próxima seção, justamente por ser elemento fundamental para o desenvolvimento das análises propostas.

Ao que se refere aos objetos deve-se, primeiramente, se afastar da noção de coisa: “Os Objetos – para um Signo podem ter qualquer número deles – cada um pode ser uma única coisa ou coisa existente conhecida que se acreditava anteriormente existir ou que se esperava que existisse, ou uma coleção de tais coisas, ou uma qualidade, relação ou fato conhecido

² Tradução nossa: “A sign, or **representamen**, is something which stands to somebody for something in some respect or capacity. It addresses somebody, that is, creates in the mind of that person an equivalent sign, or perhaps a more developed sign. That sign which it creates I call the **interpretant** of the first sign. The sign stands for something, its **object**. It stands for that object, not in all respects, but in reference to a sort of idea, which I have sometimes † I called the **ground** of the representamen”.

[...]” (CP. 2.232)³ e como citado anteriormente, os objetos são representados pelos signos, mas não em sua totalidade, pois sempre há partes que o signo não preenche completamente. Tais como os signos, Peirce faz uma classificação entre os objetos, diferenciando-os entre Objeto Dinâmico e objeto o Objeto Imediato (Deledalle, 1990).

O Objeto Imediato é aquele que é representado ou “está dentro” do signo ou faz uma alusão indicativa sobre ele, podendo ser compreendida como a primeira representação mental de correspondência que afetará também o Interpretante por meio de outro signo mental, enquanto o Objeto Dinâmico é a própria realidade que se relaciona com o signo e sua representação (CP. 4.536), sendo assim o Objeto Imediato é o Objeto Dinâmico enquanto uma representação em determinado contexto temporal, espacial e por seus intérpretes.

Analisando o último elemento desta relação triádica, o Interpretante, de forma similar aos elementos anteriores, é necessário elucidar, primeiramente, que, para Peirce, interpretante, intérprete e interpretação não são sinônimos, pois o Interpretante não é fruto de uma pluralidade interpretativa oriundas de ocorrências empíricas de interpretação, enquanto a interpretação é um ato de contemplação sobre o que o signo é capaz de produzir (Santaella, 1992).

Como citado anteriormente, o Interpretante se constitui como signo ao passo que também o produz, pois ele é o significado determinado do signo mediado pelo objeto. Assim como com os signos e objetos, Peirce faz algumas distinções entre os Interpretantes ao longo de seus estudos, sendo a desenvolvida a de 1904 e a classificação entre Interpretante Imediato, interpretante Dinâmico e Interpretante Final.

De acordo com Santaella (1992) o Interpretante Imediato é o que está interno ao signo em possibilidade de interpretação, sendo aquilo que o signo está apto a produzir como efeito interpretante. O Interpretante dinâmico, por sua vez, é o que interpreta o signo de forma concreta e singular, ou seja, o fato empírico, o terceiro, Interpretante Final, é o interpretante ideal no qual o Interpretante dinâmico tende a ir. Nas palavras de Peirce “Isto tem também três interpretantes, seu interpretante como representado ou destinado a ser entendido, seu interpretante tal como é produzido e seu interpretante em si mesmo” (CP. 8.333).⁴

2.4. Ícone, Índice e Símbolo: uma nova tríade

³ Tradução nossa: “The Objects--for a Sign may have any number of them--may each be a single known existing thing or Thing believed formerly to have existed or expected to exist, or a collection of such things, or a known quality or relation or fact [...]”.

⁴ Tradução nossa: “It has also three interpretants, its interpretant as represented or meant to be understood, its interpretant as it is produced, and its interpretant in itself”.

Como comentado anteriormente, esta seção objetiva aprofundar o desenvolvimento e a classificação dos signos dentro da Semiótica de Charles Sanders Peirce. Tal qual sua Fenomenologia e Semiótica (em aspecto geral), os signos também são abordados de forma triádica, conhecida como “tricotomia dos signos”, cada um deles interage também de forma triádica com o Objeto e com o Interpretante e caso tais relações fossem totalmente descritas, elas produziram 10 tricotomias, resultando em 64 classes e 59.049 tipos de signos (Santaella, 2005; Shorts, 2007).

Figura 2 – As três tricotomias destacadas por Peirce

signo 1º em si mesmo	signo 2º com seu objeto	signo 3º com seu interpretante
1º qual-signo	ícone	rema
2º sin-signo	índice	dicente
3º legi-signo	símbolo	argumento

Fonte: Santaella, 2005, p. 62.

De fato, Peirce não aprofundou seus estudos em todos os tipos de signos, mas dentre eles, há três que se destacam: (1) a relação do signo com si mesmo, (2) do signo com o seu objeto e (3) do signo com seu interpretante, constituindo a segunda como a mais conhecida das tricotomias e a escolhida para realizar o recorte proposto desta pesquisa. Assim, nas análises, será abordada, especialmente, a relação que o signo possui com o objeto, como Ícone, Índice ou Símbolo.

O Ícone, ou *Likeness* (semelhança) como também aparece nas obras do autor, é um signo que guarda uma semelhança ou semelhança visual com o objeto que representa, remetendo ao objeto por meio de características físicas ou qualidades que se assemelham a ele, “Um Ícone é um signo que se refere ao Objeto que ele denota meramente em virtude de caracteres próprios, e que possui, da mesma forma, seja qualquer Objeto realmente existe ou não” (CP. 2.247).⁵ Pode-se tomar como exemplos de ícone é uma fotografia, esboço feito por artistas sobre alguma obra de arte no qual vislumbra sua obra e suas qualidades ou até algumas linguagens como, por exemplo, a escrita hieroglífica egípcia utilizada pelos altos sacerdotes em rituais e nas pirâmides (Peirce, 1998).

⁵ Tradução nossa: “An *Icon* is a sign which refers to the Object that it denotes merely by virtue of characters of its own, and which it possesses, just the same, whether any such Object actually exists or not”.

Figura 3- Exemplo do fonograma Bit representa a palavra Mel



Fonte: Oliveira, 2008.

O Índice, por sua vez, possui uma relação indicativa e causal com o que representa, indicando a presença ou efeito do objeto, mas não compartilha uma semelhança intrínseca com ele, permitindo uma possibilidade de experiência, fruto de experiências de outrem, sendo assim “é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de sendo realmente afetado por esse objeto. [...] Na medida em que o Índice é afetado pelo Objeto, necessariamente tem alguma Qualidade em comum com o Objeto, e é a respeito deles que se refere ao Objeto” (CP. 2.248).⁶ Pode-se tomar como exemplos os mapas cartográficos que indicam fronteiras, recursos naturais, rotas como também um cata-vento indica a direção das correntes de ar em determinado momento (Peirce, 1998).

O Símbolo, representa o Objeto por meio de uma convenção ou acordo cultural, sendo tal relação arbitrária, não há uma conexão intrínseca, ou seja, “[...] é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei, geralmente uma associação de ideias gerais, que opera para fazer com que o Símbolo ser interpretado como se referindo a esse objeto” (CP. 2.249).⁷ Exemplos de Símbolos são as palavras, os números, as bandeiras nacionais que permite que o interpretante, por meio deles, imaginar tais Objetos (Peirce, 1998).

Vale destacar que, por serem elementos de matrizes abstratas, tais signos não são encontrados em estado puro nas linguagens, pois na prática da utilização deles se encontra de forma interconectada produzindo, por exemplo, um Ícone-Símbolo (Santaella, 2005). Além disso é necessário compreender que os signos não são estáticos, pois geram significado e são interpretados ao longo do tempo e dos diversos contextos.

⁶ Tradução nossa: “[...] is a sign which refers to the Object that it denotes by virtue of being really affected by that Object. [...] In so far as the Index is affected by the Object, it necessarily has some Quality in common with the Object, and it is in respect to these that it refers to the Object”.

⁷ Tradução nossa: “[...] is a sign which refers to the Object that it denotes by virtue of a law, usually an association of general ideas, which operates to cause the Symbol to be interpreted as referring to that Object”.

3. METODOLOGIA

Considerando o objetivo geral de realizar uma análise semiótica, na perspectiva peirceana sobre a indumentária da Quadrilha Junina Estrela do Norte, este artigo tem como norte metodológico uma pesquisa exploratória visando aprimorar as percepções dos elementos sógnicos utilizados e os seus impactos na construção da performance.

Para a execução da pesquisa exploratória, conforme Gil (2002), focado em uma construção de pesquisa qualitativa, foi realizada um levantamento bibliográfico em dois eixos: o jornalismo cultural, no qual é a área que contempla a cobertura e divulgação de expressões culturais, e, principalmente, a semiótica sendo a teoria voltada para identificação e compreensão dos signos presentes no mundo, com ênfase na construção teórica realizada por Charles Sanders Peirce durante toda a sua vida.

Para tal foram realizadas leituras seletivas e analíticas a fim de apresentar de forma consistente e estrutural, primeiramente, uma breve conceituação de jornalismo cultural e seus impactos na imprensa brasileira e mundial. Em seguida, apresenta as particularidades da teoria semiótica de Charles Sanders Peirce e fundamentar as relações triádicas entre objeto-Interpretante-signo, e posteriormente, enfatizar as relações existentes dentro dos signos como, por exemplo, a relação entre o índice, o ícone e o símbolo, através da análise de imagens (fotos) da Quadrilha Junina.

Destaca-se também que esta pesquisa é um estudo de caso (Chizzotti, 2014), ou seja, a análise versa apenas sobre a indumentária utilizada na performance da Estrela do Norte no ano de 2023. Contudo, é necessário destacar que o estado do Amapá possui diversas Quadrilhas Juninas que ora combinam, ora divergem dos mesmos elementos, pois tais Quadrilhas possuem suas distinções identitárias, culturais, sociais e geográficas. Além disso, se faz necessário compreender e delimitar, se possível, o papel do Intérprete (sujeito) neste processo, tendo em vista que a estrutura semiótica utilizada tem como fundamento a relação triádica entre Interpretante, objeto (referente) e signo (*representamen*).

É válido ressaltar que Peirce não faz uma análise de Quadrilhas Juninas em suas obras, todavia, fundamenta sua teoria a tal ponto que permite que a utilize para análises para além das aplicações feitas por ele, tendo em vista que conforme a realidade do mundo se transforma, sua representação também o faz não possuindo assim uma estrutura fixa e imutável.

Não existe uma estrutura atômica no mundo tal que as palavras possam corresponder a ela ponto por ponto. Tampouco existe qualquer estrutura à qual as palavras correspondam ponto a ponto, exceto a estrutura do próprio discurso, que

difícilmente é fixa e que não precisa de tal estrutura adjacente para ser o que é e significar como significa⁸ (Deely, 1990, p. 18).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De forma a unir teoria e prática, a análise apresentada nesta seção visa identificar, dentro das possibilidades teóricas, pessoais e de distinção, os elementos sígnicos nas indumentárias utilizadas pela Quadrilha Junina Estrela do Norte em uma de suas apresentações no ano de 2023 e, buscando uma maior riqueza de detalhes bem como não ser pego pelas falhas da memória, apresenta-se aqui quatro fotografias sobre alguns momentos da apresentação.

Vale destacar que tais fotografias por si só já são compreendidas como Ícones da apresentação e, seguindo a definição de Peirce, é possível utilizá-las justamente por representarem, por semelhança, determinados objetos e, neste caso, momentos específicos da apresentação.

O primeiro momento a ser analisado (Figura 4) é a apresentação dos Noivos, do *Mister* e *Miss* caipira e dos convidados da quadrilha. Voltado para a percepção primeiramente dos Ícones, nota-se nos noivos as flores artificiais utilizadas por ambos como adereços de cabeça, enquanto nos convidados é possível perceber os chapéus utilizados por parte dos trabalhadores rurais em suas rotinas diárias.

⁸ Tradução nossa. “*There is no atomic structure to the world such that words can be made to correspond to it point-by-point. Nor is there any structure at all to which words correspond point-by-point except the structure of discourse itself, which is hardly fixed, and which needs no such preadjacent structure in order to be what it is and to signify as it does*”.

Figura 4 – A representação dos Noivos, *Miss*, *Mister* e convidados



Fonte: Foto do autor da apresentação da Quadrilha Junina Estrela do Norte no ano de 2023.

Em uma perspectiva dos Índices nota-se o uso do vermelho disposto no lado esquerdo, indicando o coração pulsante e apaixonado dos Noivos. No *Mister* e *Miss*, nota-se um adereço na cabeça que faz referência as coroas utilizadas pelas monarquias e em outros concursos como forma de destaque e, por fim, nota-se nos convidados o uso de flores de cetim e o tecido conhecido como chita, muito utilizado na produção de roupas por ser um material de baixo custo, fácil manuseio e, em sua maioria, com cores vibrantes.

Sobre os Símbolos, nota-se o uso das diferentes roupas e acessórios como símbolos dos três grupos que constituem a Quadrilha Junina: os convidados, o *Mister*, a *Miss* e os Noivos. Os Noivos, são simbolizados tanto pela cor quanto pelo traje, pois o noivo se destaca pelo uso do terno completo e gravata borboleta e a noiva com o seu buque como ornamento de cabeça o que os diferenciam dos demais. O *Mister* e a *Miss* usam como símbolo a coroa e pelas cores, verde e rosa, com maior predominância em suas vestimentas e pouco utilizada nas vestimentas dos demais integrantes enquanto nos convidados é possível notar que seus sapatos possuem um aspecto mais simples, sem pedrarias ao mesmo tempo que utiliza de vários outros elementos como flores, chapéus de palha e fitas para se ornamentar, simbolizando assim a simplicidade de um povo humilde, mas que quer e está presente.

Na próxima imagem (Figura 5), na qual destaca os convidados para a festa de casamento, é possível perceber os Ícones dos chapéus de palha, que aqui não são meros objetos, mas Ícones que representam por semelhança, o instrumento chapéu utilizado como proteção contra o Sol na rotina de trabalho. Nota-se, com mais riqueza de detalhes, os Índices destacados na imagem anterior (Figura 4), assim como o uso de vassouras indicando o

trabalho e, enquanto Símbolo, é possível perceber sua distinção com demais devido à ausência de uma das mangas do terno, enquanto o *Mister* não possui gravata e colete e o Noivo é o único com o terno completo.

Figura 5 – Dançarinos



Fonte: Foto do autor da apresentação da Quadrilha Junina Estrela do Norte no ano de 2023.

Na Figura 6, o destaque recai sobre o Quadrilheiro ou Marcador, responsável por narrar a história da Quadrilha bem como seus passos. Nele é possível reconhecer como Ícone as flores em tecido que se assemelham com as flores naturais e fazem parte do ornamento do colete e, enquanto Índice, destacam-se o ornamento em seu chapéu que busca indicar uma fogueira, elemento constantemente utilizado nas festas juninas como ponto de destaque e energia, e em seu colete o uso de fitas de cetim para indicar os bordados, ou “babados”, encontrados em peças de vestuários utilizados em casamentos sofisticados. O microfone, por sua vez, simboliza o seu papel enquanto Quadrilheiro e responsável por conduzir a história, narrar e apresentá-la para todo o público presente.

Figura 6 – Quadrilheiro Junino (Marcador)



Fonte: Foto do autor da apresentação da Quadrilha Junina Estrela do Norte no ano de 2023.

Figura 7 – Brincadeira junina



Apresentação da Quadrilha Junina Estrela do Norte no ano de 2023.

A última imagem (Figura7), por sua vez, retrata o momento da brincadeira do pau de sebo (Cocanha) no qual um jovem tenta, com muito esforço, chegar ao topo do tronco e resgatar a bandeira que lá se encontra. Na perspectiva Semiótica, analisando a indumentária, há o chapéu de palha novamente não apenas como um objeto, mas elemento iconográfico, do instrumento utilizado nas práticas laborais, enquanto nota-se o uso da bermuda rasgada e a ausência de uma camiseta remetem a simplicidade das vestimentas e a liberdade das crianças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No jornalismo, tomar para si a semiótica peirceana como instrumento analítico é fundamental para entender como o público percebe e significa as notícias e os conteúdos informativos, sendo necessário, portanto, uma atenção nas escolhas de palavras, imagens e design gráfico, tendo em vista que tais escolhas podem influenciar ou até mesmo manipular a interpretação do público sobre uma determinada história.

De fato, não é possível afirmar que todos os leitores possuem a base teórica sobre as teóricas semióticas. Contudo, assim como afirmam os diversos autores referenciados neste artigo, estamos em um universo de signos e estes se apresentam das mais variadas formas, momentos e intensidades. A cultura e o contexto desempenham um papel importante na interpretação de signos, pois tais signos possuem variações de acordo com a cultura em que se encontra e, por este motivo, é crucial que jornalistas, que desejam comunicar-se eficazmente com públicos diversificados, compreendam e apresentem tais signos de forma coerente e fidedigna com a realidade do público-alvo de suas notícias.

Sendo assim, realizar uma análise sobre a Quadrilha Junina Estrela do Norte não é apenas um esforço acadêmico e teórico, mas uma forma de compreender as nuances do trabalho dos integrantes da Estrela Norte, conhecer as suas histórias, seus desafios, suas vitórias e o orgulho de trazer, no peito, na mente e no chão da quadra, a cultura de seu povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Ivana. As realidades do jornalismo cultural no Brasil. In: **Contemporânea**, Rio de Janeiro, n.7, pp. 65-73, jul./dez. 2006.
- CERIGATTO, Mariana P. O papel do jornalismo popular e a relação com a cultura popular. **Extraprensa**, São Paulo, n.17, ano IX, jun./dez. 2015.
- CHANDLER, Daniel. **Semiotic: the basics**. 2ª ed. Londres : Routledge, 2007.
- CHIZZOTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e sociais**. 11 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2014.
- DEELY, John. **Basic of Semiotics**. Bloomington : Indiana University Press, 1990.
- DELEDALLE, Gérard. **Charles S. Peirce's philosophy of signs: essays in comparative semiotics**. Bloomington : Indiana University Press, 2000.
- ECO, Umberto. **A Theory of Semiotics**. Bloomington : Indiana University Press, 1976.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- ILHA das flores. Direção: Jorge Furtado. Produção: Giba Assis Brasil. Roteiro: Jorge Furtado. Casa de Cinema de Porto Alegre, 1989. 13 min, son. color., 35mm.
- NÖTH, Winfried. **Handbook of Semiotics**. Bloomington : Indiana University Press, 1990.
- OLIVEIRA, Francis L. R. **A Escrita Sagrada do Egito Antigo**. Dicionário Hieróglifo-Português. Ibitirama/ES: Ed. do Autor, 2008.
- PEIRCE, Charles S. **The collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Vol 1-8. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958.
- _____. **The Essential Peirce : Selected Philosophical Writings**. Peirce Edition Project (ed.), vol. 2. Bloomington : Indiana University Press, 1998.
- PRETRILLI, Susan ; PONZIO, Augusto. **Semiotics unbounded: interpretive routes through the open network of signs**. Toronto: University Of Toronto Press, 2005.
- PIZA, Daniell. **Jornalismo cultural**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- ROSE, Angeli. **Jornalismo cultural: um exercício de valor**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2017.
- SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Cengage Learning, 1992.
- _____. **O Que é Semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.
- SHORT, T. L. **Peirce's Theory of Signs**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- UNESCO. Relatório Mundial da Unesco: Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2024.